



H. HENRAS E DANIEL-PROTZNER. ULTRAPASSADO, PIXO E FOTOGRAFIA, 2013-15.

ULTRAPASSADO  
É O  
FUTURO

# EPISTEMOLOGIA DA PANDEMIA — SÉCULO XXI:

## O FIM DO SONO E A INTENSIFICAÇÃO DO FASCISMO

FERNANDO LIONEL QUIROGA \*

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.33551>

**RESUMO:** O propósito deste ensaio resulta do esforço de pensar no futuro das sociedades contemporâneas a partir da pandemia da covid-19. Com o objetivo de refletir sobre os principais impactos deste período, buscamos pinçar suas principais características no intuito de desenvolver uma epistemologia da pandemia. A partir deste esforço, buscamos interpretar seus principais sentidos em face das condições pré-existentes das sociedades atuais a partir de duas noções-chave: o caráter de hiperconectividade e pressão do desempenho, bem como de suas consequências sociais, como a falência do sono enquanto elemento constitutivo da cultura e civilização. A seguir, ventilamos a hipótese que compreende haver uma linha tênue entre o fim do sono e o recrudescimento do fascismo.

**PALAVRAS-CHAVE** Epistemologia. Pandemia (covid-19). Fascismo.

## EPISTEMOLOGY OF THE PANDEMIC — 21ST CENTURY: THE END OF SLEEP AND THE INTENSIFICATION OF FACISM

**ABSTRACT:** The purpose of this essay results from the effort to think about the future of contemporary societies from the Covid-19 pandemic. In order to reflect on the main impacts of this period, we seek to pinpoint its main characteristics in order to develop a pandemic epistemology. Based on this effort, we seek to interpret its main meanings in view of the pre-existing conditions of current societies from two key notions: the character of hyperconnectivity and pressure of performance, as well as its social consequences, such as the failure of sleep while constitutive element of culture and civilization. Next, we ventilate the hypothesis that understands that there is a fine line between the end of sleep and the upsurge of fascism.

**KEYWORDS:** Epistemology. Pandemic (Covid-19). Fascism.

\* Doutor em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP, professor da Universidade Estadual de Goiás/UEG.

## Introdução

A única coisa que vale a pena é fixar o olhar com mais atenção no presente; o futuro chegará sozinho, inesperadamente. É tolo quem pensa no futuro antes de pensar no presente. N. V. Gogol

Meu Deus, como ficam/ Sozinhos os mortos!  
G. A. Bécquer, Rimas

Não conseguimos nos livrar de uma coisa evitando-a, mas apenas atravessando-a.  
C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, 22/11/1945

Diversas formas de pensamento vêm sendo produzidas sobre o que será o mundo após a pandemia da covid-19. Pensadores de todos os campos têm se ocupado em decifrar a mensagem deste acontecimento para a continuidade da vida sobre a Terra. Especulações sobre as causas e suas consequências emergem de todos os lados e expandem-se para todas as direções. Mas, qual será a razão de nos lançarmos o desafio coletivo sobre tal questão e não o deixarmos a cargo de sanitaristas, pesquisadores e imunologistas? Há algumas pistas que podem nos ajudar a responder esta pergunta. A primeira diz respeito ao caráter histórico. Embora possa ser em grande medida um esforço decepcionante, o potencial preditivo da história somente é possível a partir de elementos do passado. O objetivo principal deste ensaio, portanto, consiste em apontar os traços fundamentais da pandemia com o ensejo de despertar o olhar para a sua epistemologia no intuito de fundamentar reflexões que se depreendem deste fenômeno em relação ao presente e, em certa medida, também em relação ao futuro.

Como observou Hobsbawm a respeito:

“(…) toda previsão sobre o mundo real repousa em grande parte em algum tipo de interferência sobre o futuro a partir daquilo que aconteceu no passado, ou seja, a partir da história (Hobsbawm, 2013 p. 62)”.

Mas esta observação somente pode fazer sentido sobre os tempos atuais não por-

que dispomos de material histórico específico sobre o vírus, mas porque sabemos, por meio da história, da existência de outras pandemias em épocas anteriores<sup>1</sup>. Mais: sabemos que quando isso ocorre, transformações significativas e estruturais se põem em curso afetando radicalmente as nossas formas de vida, quer queiramos, quer não.

Uma segunda característica da pandemia seria o seu caráter interdisciplinar em um mundo que proclama aos quatro ventos a urgência crescente, por menos especialismo e maior abrangência de olhar, implicando uma melhor capacidade de articulação na busca por respostas aos problemas complexos da vida contemporânea. Como a interdisciplinaridade tornara-se um atalho “conceitual” — um recurso mais retórico do que prático — em um mundo que lê cada vez menos e que cada vez mais se especializa, a interdisciplinaridade parece emergir por seus próprios meios, impondo-se como uma lição compulsória à qual devemos todos, mais cedo ou mais tarde, aprendê-la.

Como efeito colateral, a pandemia seria, neste caso, a realização de um secreto desejo coletivo por restaurar um estado de espírito mais amplo: esse homem ao qual se refere Max Weber em “Ciência como vocação”, que poderia ser Abraão ou um velho camponês da antiguidade inserido no ciclo orgânico da natureza em que a vida lhe é suficiente, capaz de saciá-lo ao invés de cansá-lo<sup>2</sup>. O terceiro aspecto diz respeito ao caráter ontológico/existencial da pandemia. De fato, pode-se afirmar, sem prejuízo, o fato de não há ninguém no mundo, de qualquer faixa etária, sexo ou gênero que não tenha sido afetado direta ou indiretamente por ela, e isso é válido inclusive para as regiões que, por razões geográficas (além das medidas sanitárias necessárias) — como a Nova Zelândia — conseguiram maiores condições de isolamento.

Ao tratar-se de um ataque contra a espécie, somos afetados em todas as dimensões de nossa existência. Durante este período de suspensão que alimenta a pandemia, estabelece-se uma religação com nossa própria ancestralidade: percebemo-nos em fla-

---

1 São conhecidas entre nós, por exemplo, a Peste Negra (causada pelo bacilo *Yersinia Pestis*) que acometeu a Europa no século XIV e pode ter matado entre 75 a 200 milhões de pessoas; ou a gripe espanhola — conhecida como gripe de 1918 — que teria atingido aproximadamente ¼ da população mundial.

2 Ao refletir sobre a noção de “progresso” por meio da ciência, Weber formula a seguinte indagação: “Mas terá então esse processo de desencantamento que se desenvolveu na cultura ocidental através de milênios — e sobretudo esse “progresso” ao qual a ciência se associa como membro e motivação — algum sentido que extrapole aquele puramente prático e tecnológico?” (Weber, 2013, p. 408).

grante sendo, outra vez, símios em desespero: perdemos o controle da natureza, que agora parece reagir contra nós lançando-nos o feitiço da morte. Como quarto aspecto, percebemos o caráter de ruptura: ideia comum e facilmente deduzível de que o mundo será outro depois da pandemia.

Desta estrutura flácida, cujas articulações parecem atadas com um improvisado boneco de arames, depreendem-se os esforços para responder o que implica, afinal, a pandemia. Seria um momento de suspensão ou epoché, como diria Zizek, propício para uma reflexão sobre o funcionamento do capitalismo em nossas vidas? Haveria chegado o momento de fazermos uma escolha entre o binarismo não resoluto entre socialismo e capitalismo mesmo sem termos dado qualquer sinal nesta direção? Seria a pandemia, neste sentido, um presente dos deuses para que, finalmente, tomássemos partido da história e realizássemos o sonho marxista de transformação do mundo?

Infelizmente a resposta para esta pergunta parece ser negativa. Não parece ser esta a real vocação da pandemia. Hobsbawm, refletindo sobre o presente, observa que:

Se o famoso observador marciano imaginário olhasse para o nosso mundo, será que realmente optaria por fazer semelhante divisão binária? O marciano classificaria as economias sociais e políticas dos EUA, Coreia do Sul, Áustria, Brasil, Cingapura e Irlanda sob o mesmo título? A economia da URSS, que desabou sob a tensão da reforma, se encaixaria no mesmo escaninho que a da China, que claramente não desabou? Se nos colocarmos na posição de semelhante observador, não teríamos nenhuma dificuldade em encontrar uma dúzia de outros padrões nos quais as estruturas econômicas dos países do mundo podem se encaixar com mais facilidade que em um binário leito de Procusto (HOBBSB-  
WM, 2013, p. 328–329).

Seria factível que, em decorrência da polaridade que hoje abala as estruturas do mundo, houvesse qualquer possibilidade de consenso e coesão à busca da uniformização? Não se veem quaisquer indícios de consenso justamente porque o que se percebe é uma distância cada vez mais acentuada desta divisão: agora sim o marciano imaginário poderia fazer uma nítida divisão binária. Senão vejamos os últimos sinais de nossos tempos: avalanches sistemáticas de fake news; teorias da conspiração (que insistem em despertar o velho fantasma do comunismo ou apresentam a tresloucada doutrina do terraplanismo); o negacionismo científico; a ascensão das igrejas neopentecostais; a insistência que paira sobre o espírito das escolas uma “perversão sexual” e ideológica, etc. Quem ficaria perplexo hoje em dia se, folheando uma revista, lesse a

matéria em que um grupo de pesquisadores, sem qualquer explicação fiável, se recusasse a aceitar o Ciclo de Krebs?

Então, devemos nos perguntar: o que é o mundo hoje? O que são as sociedades contemporâneas e o que implica, finalmente, a pandemia em nossas vidas? Vejamos, por exemplo, o que sugere este conjunto de adjetivações: “sociedade excitada” (Christopher Türcker), “sociedade do cansaço” (Byung-Chul Han), “sociedade do espetáculo” (Guy Debord), “sociedade líquida” (Bauman), ou ainda, “sociedade do risco” (Ulrich Beck) e “sociedade pós-secular” (Jürgen Habermas). Se nos ocuparmos apenas das reflexões de Türcker e Byung-Chul Han, obteremos um tipo de sociedade marcada pelo caráter de positividade que culmina na autoexploração (expressão máxima da sociedade do desempenho), e da filosofia da sensação como uma busca frenética por novos estímulos. Revelam-se como principais consequências deste modelo de sociedade, a falência do regime de atenção enquanto elemento essencial de formação da cultura; e o sentimento de um profundo esgotamento, de um intenso e ininterrupto cansaço.

Evidentemente, outro processo fundamental está em curso e é dele que iremos tratar ao longo deste ensaio. Trata-se do sono e de seu gradual e intenso processo de extinção. Mais: interessa-nos a conexão entre o fim do sono e o recrudescimento da extrema direita e do fascismo no mundo e, em especial, no Brasil. Finalmente, resta saber que impactos a pandemia pode ter sobre esta aparentemente ingênua conexão.

## *Tese I — O “aqui agora” da pandemia: imprecisões*

Apenas o que passou, ou mudou, ou desapareceu nos revela sua verdadeira natureza.  
(C. Pavese, Racconti, Terra d'esilio)

Seria menos dramático se o mito da “democracia do vírus” fosse verdadeiro, isto é, se a pandemia tivesse atingido a todos da mesma forma; se os estragos fossem proporcionais para todos. Basta um exemplo para deduzirmos o contrário. Somente no ano de 2021, o número de bilionários brasileiros saltou de 45 para 66, significando um patrimônio conjunto de US\$ 220, 4 bilhões, em comparação com US\$ 127,1 bilhões do ano passado. O flagelo da pandemia assola o mundo: expõe a pobreza e a fome pré-existentes, intensifica e agudiza as quarentenas decorrentes de todas as formas de exclusão e abandono, conduz centenas de milhares de pessoas à miséria, multiplica exponencialmente o número de feminicídios, intensifica o crime e a violência sexual contra as crianças, reforça o racismo e a xenofobia, expande o ódio. Como no *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, em que a moral cristã do período medieval é profanada por meio do desmascaramento da hipocrisia, assim também a atual pandemia parece conservar o mesmo poder de desmascaramento das realidades ocultas.

Afora o desafio de qualificar o que seria profanável hoje em dia, poder-se-ia argumentar: os mecanismos de invisibilidade. Com o aumento vertiginoso das desigualdades tornou-se impraticável continuar escondendo, embora seja possível construir muros cada vez mais fortes e mais altos que possam separar tudo aquilo que “constrange” as elites. E, então, devemos confessar: sim, a pandemia lançou luz sobre os problemas pré-existentes mais complexos. E, no mesmo tom de confissão devemos reconhecer: também a pandemia multiplicou o lucro e permitiu ainda mais o acúmulo de riqueza e a concentração de renda para uma parcela ínfima da sociedade. A que classe de esperança pertence, então, a crença da pandemia favorecer o pensamento coletivo em

direção a um mundo melhor?

Agamben (2020), em “Reflexões sobre a peste” pensa a pandemia como dispositivo político que pode facilitar a instauração do estado de exceção como paradigma normal dos governos atuais. De repente, o ensaio “o que é o contemporâneo” do mesmo autor, parece reivindicar, anos mais tarde, um novo mergulho sobre o presente. Como entre o “estado de exceção” e a “pandemia” reside o denominador comum da suspensão, parece ser isto, justamente, que o filósofo parece haver notado como ponto central e determinante para o futuro. Mas, em lugar de dar ouvidos à cientistas, imprensa e especialistas no assunto, o filósofo opta por eufemizar a pandemia, apostando na força de sua filosofia e apoiando-se na hipótese de um oportunismo que a toma como dispositivo político de implantação do estado de exceção. Segundo ele:

(...) a epidemia torna evidente (...) que o estado de exceção, ao qual os governos nos habituaram há tempos, tornou-se realmente condição normal (Agamben, 2020, p. 15), dando-lhe matéria-prima para afirmar mais adiante que “o limiar que separa a humanidade da barbárie foi ultrapassado” (Idem, 2020, p. 24).

E realmente parece haver ultrapassado, embora não sob a premissa que entende a pandemia como uma “invenção”, e um artifício de governo que culminaria nisso.

Acerca do contemporâneo que, segundo Agamben,

“é como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (Agamben, 2010, p. 72),

percebe-se, em razão do caráter contemporâneo da pandemia, um volume excessivo de luzes que impedem o filósofo italiano de perceber o escuro do seu tempo. Não quer dizer que não exista uma proximidade entre a noção de estado de exceção e a pandemia, embora soe forçoso reduzir esta última a uma invenção política como estratégia de implantação da primeira.

A contemporaneidade da pandemia, justamente porque a cada segundo manifesta um fragmento da sua real potência e poder, obnubila e constrange, não poucas vezes, o pensamento “presente” ao seu respeito. Ineditismo e mutabilidade tornam-se, portanto, a quinta característica deste desenho epistemológico. Como não se sabe precisar como, quando ou mesmo se haverá um fim, durante seu desenvolvimento, sua passagem entre nós nos desperta tanta surpresa quanto à de um filho recém-nascido.

Para ele (o filho), tudo que o cerca é o ineditismo do mundo de que já fazemos parte e que logo, de forma gradual, deverá ser a ele incorporado. Para nós, “ele” é esse ineditismo que, a cada dia desperta em nós uma assombrosa curiosidade. Para os nascidos na pandemia não há ruptura senão por meio da abstração histórica: sua vinda ao mundo já estará fundida com neste novo mundo que está por vir. Por hora, resta saber que mundo será esse.

Novamente: a intempestividade da pandemia interpõe-se no curso da história fundindo-se imediatamente a ela. A irrupção de uma pandemia, desde quando passamos a conviver com ela ao longo de milênios, sempre ocupou papel de destaque entre nossos principais temores, embora os últimos avanços no campo da medicina e da tecnologia pareciam o haver distanciado. Essa é a razão pela qual Byun-Chul Han haveria erroneamente afirmado que:

“apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época.” (Han, 2012, p. 7).

Evidentemente — como a sociedade e a história não se constituem por eventos autoexcludentes — o equívoco do autor consiste na pretensão de buscar um sentido de identidade contra características que, em sua visão, ficaram para trás, como as sociedades disciplinares. A lição que aprendemos de Tocqueville em “O antigo regime e a revolução” é exatamente a superação de marcadores temporais que acabam por tornar elementos complexos demais como eventos datados, isto é, a superação de um delimitador entre o período pré-revolucionário e pós-revolucionário, e de perceber um processo lento, gradual e cumulativo, e não uma ruptura abrupta como consta na maior parte dos intérpretes deste período. Tocqueville escreve:

Tinha convicção de que involuntariamente (os franceses) haviam conservado do Antigo Regime a maior parte dos sentimentos, dos hábitos, mesmo das ideias por meio das quais conduziram a Revolução que o destruiu e que, sem querer, haviam usado seus escombros para construir o edifício da sociedade nova; de tal forma que, para compreender tanto a Revolução como sua obra, era preciso esquecer por um momento a França que vemos hoje e ir interrogar em seu túmulo a França que não existe mais (TOCQUEVILLE, 2009, p. XLI–XLII).

A questão crucial a ser criticada não é necessariamente a autoexclusão de características de um determinado período em detrimento do outro, mas de certas ferramentas intelectuais que acentuam o risco, como o uso do modismo “Era” para se referir a um determinado período. Nada contra a ideia, que pode expressar um conjunto de características identitárias sobre um determinado espaço-tempo e contribuir para a sua assimilação. Mas o risco pode ser diminuído se admitirmos a ancestralidade que há no presente. Neste sentido, as coisas parecem se aproximar ao caráter complementar de noções que, embora pareçam desconectadas, permanecem em completa conectividade, como bem observado por Boaventura acerca do tríplice caráter do capitalismo moderno ao qual se deve incluir o colonialismo e o patriarcado — noções que pareciam enterradas na noite dos tempos, embora se mantenham latentes e retornem à luz da atualidade, ainda que sob outras vestes.

Como a pandemia não pode pertencer a nenhuma Era, de modo específico — já que ela seria a sua principal característica — deduz-se que, exatamente pelo seu caráter intempestivo, lhe é mais propício invadi-la e alterá-la.

No atual contexto, a reflexão que gostaríamos de suscitar, por extensão dos primeiros sinais de uma epistemologia da pandemia, assume como ponto de partida o pressuposto de força vetorial da pandemia e seu sentido de aceleração e intensificação de características gerais de nossos tempos.

## *Tese II: falência do sono e fascismo*

Pareceu-me ouvir uma voz que dizia: “Não durmas mais!/ Macbeth matou o sono”. (W. Shakespeare, *Macbeth*, II, 2,36–37)

Toda a infelicidade humana vem de uma única coisa, que é não saber ficar em repouso dentro de um quarto. (B. Pascal).

O aspecto nevrálgico decorrente de um modelo de sociedade que é a um só tempo “excitada” (superestimulada) e cansada (autoexplorada em razão do desempenho) é a falência do sono. O ensaísta norte-americano Jonathan Crary em “24/7 — Capitalismo

tardio e os fins do sono”, problematiza o processo de colonização do sono em razão do avanço do capitalismo e suas consequências sociais, implicando a uma perda gradativa das capacidades sensitivas e perceptivas, como a concentração e o devaneio. Crary observa que:

(...) no contexto de nosso próprio presente, o sono pode representar a durabilidade do social, e que o sono pode ser o análogo de outros limiares nos quais a sociedade poderia defender ou proteger-se a si mesma. Como o estado mais privado e vulnerável de todos, o sono depende crucialmente da sociedade para se sustentar (CRARY, 2014, p. 34).

O apogeu desse espantoso processo que tem levado à extinção do sono, explica Crary, culmina no exemplo extraído dos militares norte-americanos, que vem experimentado, por meio de cobaias, a privação extrema do sono no sentido de verificar os limites da resistência em estado de vigília por dias consecutivos. Fatalmente o fim do sono possui uma relação íntima com o apelo capitalista pela manutenção ininterrupta de consumo.

Mas, o que queremos acrescentar a esta tese é a conexão entre a falência do sono e o recrudescimento do fascismo. Se corroborada a noção do fascismo enquanto fenômeno espiritual, constituir-se pelo sentimento, pela emoção, logo chegaremos a esta conclusão.

Uma sociedade que não dorme é uma sociedade forjada por uma avassaladora e incessante onda de estímulos e por uma corrida desesperada atrás de desempenho. Consequentemente, poderia se acrescentar: uma sociedade que não dorme é uma sociedade potencialmente violenta, a exemplo da personagem Jack (Edward Norton), protagonista de Clube da Luta (David Fincher, 1999) que representa o papel de um jovem executivo do ramo de seguros. Entediado de levar uma vida medíocre relegada ao consumo, Jack sofre de uma insônia cada vez mais intensa que somente parece satisfeita por meio de sangrentos combates corporais como manifestação última do comportamento autodestrutivo que é despertado por um alter ego ancestral (Brad Pitt).

A relação entre a privação de sono e a violência já é tema frequente entre pesquisadores de diversos campos, especialmente da psicologia, ciências biológicas e médicas. De acordo com a Associação Brasileira do Sono, estima-se que no Brasil 73 milhões de pessoas apresentem dificuldades para dormir e mais de 11 milhões de pessoas, segundo dados do IBGE a partir da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS, 2017), fazem uso de

algum medicamento para dormir.

Com efeito, fim do sono estaria fortemente vinculado a vetores e consequências sociais como: a autoexploração (consequência da busca por desempenho), e a hiperconexão<sup>3</sup> (corroborada pelo uso exagerado das telas). Resulta deste estado de coisas o sentimento de fracasso, os elevados níveis de estresse e ansiedade decorrentes da elevadíssima concorrência de êxito profissional, fadiga e, finalmente, insônia e violência. Mas tais aspectos seriam apenas a superfície de uma condição de “nova normalidade” das sociedades contemporâneas. O seu âmago, contudo, revelaria o retorno ao estado selvagem, a um estágio em que o sono não havia sido ainda “conquistado”. Da mesma forma que Byung-Chul Han percebera que a noção de multitarefa seria, no fundo, uma manifestação de retorno ao estado selvagem, assim também o fim do sono deve ser incluído no mesmo raciocínio. Em suas palavras:

A técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem (HAN, 2017, p. 31–32).

O fim do sono, na mesma linha, ao contrário de representar qualquer progresso civilizatório estaria implicado exatamente no contrário: indicaria também um retorno ao estado selvagem e, conseqüentemente, a um estado de violência. O fim do sono, com efeito, é a utopia máxima do capitalismo: toda a espoliação decorrente de séculos de exploração parecem ser as etapas de um movimento que, ao fim, parece se revelar em um movimento espiralado de volta ao passado, de volta ao estado de selvageria. Como o fascismo é o elemento substancial do capitalismo na medida em que busca resgatá-lo de sua crise, sua associação à violência é imediatamente dedutível. Em seus diversos escritos sobre o fascismo, Mariatégui observa:

O “fascismo” não é um partido; é um exército. É um exército contrarrevolucionário, mobilizado contra a revolução proletária, num instante de febre e belicosidade, pelos diversos

---

3 Em razão do uso intensivo de smartphones e outros dispositivos tecnológicos da informação, a utilização deste conceito, neste ensaio, compreende a hiperconexão como “fato social”, não o restringindo a uma interpretação de cunho meramente cognitivo, neuronal ou biológico.

grupos e classes conservadores. O “fascismo” é, por conseguinte, um instrumento de guerra. Sua ação não pode ser senão violenta. A paz significa para ele a inação, a desocupação (MARIÁTEGUI, 2010, p. 179).

Como instrumento de guerra o fascismo prescinde de teoria própria ou formulações intelectuais. Como o próprio Mussolini havia declarado:

“Depois de tudo, o que importa o conteúdo teórico de um partido? O que lhe dá força e vida é sua tonalidade, é sua vontade, é a alma daqueles que o constituem” (Mariátegui, 2010, p. 312).

É tentadora a conexão entre a dimensão emocional do fascismo e o estágio de barbárie descrito por C. Türcker em sua “Filosofia da Sensação”. Referindo-se a Farinacci, fundador do jornal Cremona Nuova, Mariátégui descreve o seu temperamento:

“É o homem porrete, provinciano, fanático, catastrófico, guerreiro, em quem o fascismo não é um conceito, não é uma teoria, mas tão somente, uma paixão, um impulso, um grito, um “alalá” (Idem, 2010, p. 314).

A incapacidade do fascismo de sistematizar sua própria teoria coincide com sua gênese, que é por excelência avessa a teorizações. Seus fundamentos encontram-se firmados na emoção e na ação; e como o desenvolvimento de teorias é dependente do olhar meditativo, reflexivo, pormenorizado e, em uma palavra, contemplativo, teorizar sobre o fascismo significa incorrer em uma contradição em termos. Na medida em que o sono desvia-se do capitalismo e oferece, sem qualquer custo, maior prazer, criatividade, saúde e qualidade de vida do que qualquer um dos infinitos produtos industriais, atacá-lo frontalmente é sua última tentativa: o fascismo está na raiz do capitalismo como o fim do sono está na raiz do fascismo.

## *Tese III — A reprodução do fascismo pós-pandemia*

A violência não é força, mas fraqueza, nem nunca poderá ser criadora de coisa alguma, apenas destruidora.

(B. Croce, *La storia come pensiero e come azione*, Storiografia e morale, VI, Forza e violenza, ragione e impulso).

Frente às características da sociedade contemporânea que acabamos de mencionar, a mensagem transversal que o vírus parece querer transmitir é a de forçar o homem ao repouso, desobrigá-lo à violência, propiciar-lhe o sono: uma última tentativa de pôr freio ao seu estado de violenta aceleração. Mas o que ocorre é o oposto. Na condição de isolamento social permanecemos ainda mais hiperconectados e buscamos ainda mais desempenho. Aumentamos a pressão. Deparamo-nos com um sistema incapaz de repouso. Em “A cruel pedagogia do vírus”, Santos escreve:

Torna-se possível ficar em casa e voltar a ter tempo de ler um livro e passar mais tempo com os filhos, consumir menos, dispensar o vício de passar o tempo nos centros comerciais, olhando para o que está à venda e esquecendo tudo o que se quer mas que só se pode obter por outros meios que não a compra (SANTOS, 2020).

Infelizmente a passagem acima reflete mais desejo do que realidade. Ao contrário: o que se constata na pandemia é um uso ainda mais intenso da internet, implicando em ainda mais conexões e por mais tempo de uso. Além disso — sem contar o aumento expressivo dos índices de desemprego —, com o trabalho sendo deslocado para casa via home office, as tarefas domésticas ficaram ainda mais intensas, acumulando-se, por exemplo, demandas profissionais, escolares e afetivas. A leitura do livro, a redução do consumo e do vício de permanecer em centros comerciais, dentre outros aspectos, infelizmente não soam reais. Não parece estar em curso o germe de uma renovação da consciência. Ao contrário, os estímulos hig-tech e uso excessivo de telas, o consumo e o vício de permanecer nos grandes centros comerciais tiveram aumento exponencial, se não na forma presencial, mas por meio das grandes lojas digitais. Para que se tenha uma ideia, a norte-americana Amazon acumulou US\$ 45,8 bilhões em vendas líqui-

das globais somente no segundo trimestre de 2020, ultrapassando a marca de US\$ 45,7 bilhões do quarto trimestre de 2019, período historicamente reconhecido como o maior em vendas da empresa.

Na mesma direção, basta uma breve pesquisa para constatar, como consequências diretas da pandemia: o aumento das desigualdades sociais e da fome no mundo; a intensificação do racismo; os elevados índices de feminicídio e de crimes contra a infância (pedofilia, violência doméstica) etc.

Além destes dados, mais facilmente comprovados por meio de dados estatísticos, a questão mais importante a ser respondida diz respeito ao real sentido deste intenso processo de aceleração. No caldeirão fervilhante deste estado de coisas, que significado terá a ideia de aceleração? Para refletir por meio de uma imagem, é como se a pandemia, no afã de frear este processo de aceleração, imprimisse ainda mais pressão sobre a sociedade cujos efeitos ainda não sabemos quais serão.

Deve-se acrescentar, todavia, o negacionismo presente em boa parte do globo — e especialmente no Brasil — que, impulsionado por líderes mundiais como Donald Trump (EUA), Jair Bolsonaro (Brasil), López Obrador (México), John Magufuli (Tanzânia), Gurbanguly Berdymukhamedov (Turcomenistão), além de grupos negacionistas espalhados por todo o globo, tem contribuído para a disseminação ainda mais rápida e intensa do vírus. Sobre este aspecto, o sentido pedagógico da pandemia parece reivindicar o lugar da verdade, mesmo que a lição seja pela via mais dura: a morte de milhares de pessoas.

No momento da redação deste ensaio, (28/04/2021), o Brasil contava com 395 mil mortes e o mundo com 3,14 milhões de mortes pela doença. Em 17 de março deste ano o Brasil contabilizava 28% do total de mortes por covid-19 em todo o mundo, considerando que a população brasileira representa menos que 3% da população mundial. Acerca deste nefasto índice se faz necessária a lembrança da fala negacionista do presidente da República, Jair Bolsonaro, que afirmara, em 27 de março de 2020, que “brasileiro pula no esgoto e não pega nada” em alusão ao coronavírus.

Acerca da linha de pensamento que apresenta um caráter mais otimista em relação à pandemia, como se houvesse de fato um “legado” a ser aprendido desta experiência no plano consciente, cabem os argumentos acima para que se percebam os efeitos em direção diametralmente oposta. Mas é verdadeiro afirmar a existência de um legado, mesmo que seja em um plano infraconsciente: uma espécie de pesadelo externo a nós

(uma sonda que nos permite sonhar), em uma época em que o sono — pré-condição do sonho — encontra-se brutalmente ameaçado.

Uma das principais características do sonho e do pesadelo consiste na criação de um problema para que se encontre a solução. Uma vez que nosso sono se encontra sob uma condição de ataque em que se busca aniquilá-lo, nosso potencial para resolver problemas encontra-se igualmente em risco. Perdemos a capacidade coletiva de responder a problemas e conflitos e, para substituir essa carência recorreremos à violência. Sem o saber, por mais bem-intencionados que possamos parecer, alimentamos diariamente, em doses homeopáticas, a cada vez mais gigantesca besta-fera do fascismo.

## *Considerações Finais*

Ser pessimista em relação às coisas do mundo e à vida em geral é um pleonasma, ou seja, significa antecipar o que acontecerá (E. Flaiano, Diário Notturmo).

A pandemia representaria, em última instância, a derradeira tentativa de frear o processo de aceleração do homem: forçá-lo a um estado de repouso e de reconexão com o mundo. E, de fato, o aprendizado pela via da necessidade seria exitoso. Em pouco tempo teríamos restaurado não somente o repouso, como a contemplação e o espírito. Mas, ocorre é que, como o estado de aceleração não se restringe apenas ao comportamento e é antes de tudo um estado mental, o que a pandemia não sabe é que sua substância pedagógica pode significar a tentativa de apagar fogo com álcool. Assim, a pandemia seria um vetor de aceleração ao fascismo já em plena ascensão. Não importa tanto saber sobre o fascismo, pois este, infelizmente, já é um velho conhecido entre nós.

A questão mais importante é saber sobre o significado deste processo de aceleração e intensificação. Tudo tende a parecer que esta força de impulso (pandemia) vem de algum lugar do futuro para nos avisar sobre o nosso próprio futuro. A mensagem mais clara que a pandemia nos envia é sobre nossa atitude em face de um futuro que, no lugar de construí-lo, de criá-lo, o estamos simplesmente devorando, consumindo. A força

letal da pandemia, nesta corrida contra esta aceleração resulta na colisão que culmina na ruptura. Como a pandemia corre em nossa direção contrária, milhares de vidas, como grãos de pó, são carregados com ela: por se tratar de uma corrida intempestiva, morrem, agora sem qualquer metáfora, por pura e simples insuficiência respiratória.

O que virá depois do período pandêmico e de suas consequências que, como vimos, não somente aceleram e agudizam os efeitos de uma sociedade a um só tempo “excitada” e “cansada”, como escancara suas principais mazelas? Colocado de outra forma: qual será nossa herança depois desta força colossal e desta rocha do tempo que foi lançada contra nós e que parece nos empurrar vertiginosamente ao passado, retrocedendo anos, talvez décadas de conquistas? Sabemos, contudo, que não é isto o que nos mostra a história.

As pandemias, como as guerras ou crises possuem como denominador comum o potencial transformador. Depois que passam, deixam transformações estruturais em todos os níveis: social, político, econômico, psicológico, comportamental, religioso. Retomando a imagem do observador marciano, de Hobsbawm, podemos exercitar a imaginação em direção ao futuro colocando-nos ao seu lado e, do alto, perceber o movimento e as mudanças de direção da vida humana sobre a Terra: uma nova coreografia histórica está em curso. Mas antes é preciso entender a direção deste movimento e em que medida nos é possível orientá-lo.

Uma última observação. Por hora o que parece ser o legado imediato da pandemia é o recrudescimento da hiperconexão como paradigma dominante nas relações sociais e consequente falência das relações sociais presenciais; a intensificação da noção de “empresariado de si” e da pressão do desempenho; a falência cada vez mais acentuada do sono; o aumento vertiginoso da violência em todos os níveis (racismo, misoginia, xenofobia, homofobia); aumento da fome e da desigualdade social; aumento de doenças neuronais como depressão, Burnout, ansiedade e fobias; e, enfim, o ressurgimento do fascismo como manifestação imediata da vertiginosa insônia social.

Antes das transformações que se espera, parece inevitável atravessarmos um árido período de descalabro e colapso total dos aspectos supramencionados. Será necessário que se instaure o temor em escala global para que se busquem os fundamentos em direção à renovação de todas as coisas.

## Referências

AGAMBEM, Giorgio. Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia. São Paulo: Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_. O que é o contemporâneo? In: Agamben, G. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2010.

BOCCACCIO, Giovanni. Decameron. Tradução: Ivone Benedetti. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

CRARY, Jonathan. 24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: UBU, 2016.

CORREIO BRAZILIENSE. Pesquisa aponta que 73 milhões de brasileiros têm dificuldades para dormir. 09/07/2017. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/07/09/interna\\_revista\\_correio,607968/pessoas-com-dificuldade-para-dormir.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/07/09/interna_revista_correio,607968/pessoas-com-dificuldade-para-dormir.shtml) Acesso em 29/04/2021.

FORBES. Quem são os brasileiros no ranking dos bilionários do mundo 2021. 06/04/2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/04/quem-sao-os-brasileiros-no-ranking-dos-bilionarios-do-mundo-2021/> Acesso em 28/04/2021.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOBBSAWM, Eric. A História e a previsão do futuro. In: Hobsbawm, E. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ISTO É. Amazon tem alta de 224% no lucro líquido e de 44% nas vendas no 1 tri. 29/04/2021. Disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/jeff-bezos-ve-lucro-liquido-da-amazon-subir-224-para-us-81-bi-no-1o-tri/> Acesso em 29/04/2021.

MARIÁTEGUI, José Carlos. As origens do fascismo. São Paulo: Alameda, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Alamedina, S. A., 2020.

TOCQUEVILLE, Alexis de. O antigo regime e a revolução. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

TÜRCKE, Cristoph. Sociedade excitada: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. Hiperativos: abaixo a cultura de déficit de atenção. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

WEBER, Max. Ciência como vocação. In: Essencial sociologia: André Botelho (org.) São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.